

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANNY KAROLINE CALDA DA SILVA

O COMPLEXO DE CINDERELA E OS IMPACTOS NA CARREIRA FEMININA

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2023

ANNY KAROLINE CALDA DA SILVA

O COMPLEXO DE CINDERELA E OS IMPACTOS NA CARREIRA FEMININA

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Esp. Larissa Vasconcelos Rodrigues

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2023

ANNY KAROLINE CALDA DA SILVA

O COMPLEXO DE CINDERELA E OS IMPACTOS NA CARREIRA FEMININA

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 29/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: PROF(A). ESP. LARISSA VASCONCELOS RODRIGUES

Membro: PROF(A). DR^a. FLAVIANE CRISTINE TROGLIO DA SILVA

Membro: PROF(A). M^a MARCIA MARIA LEITE LIMA

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2023

O COMPLEXO DE CINDERELA E OS IMPACTOS NA CARREIRA FEMININA

Anny Karoline Caldas da Silva¹

Larissa Vasconcelos Rodrigues²

RESUMO

Este estudo objetiva discutir a compreensão sobre o que, de fato, é o Complexo de Cinderela e como tal fenômeno impacta na carreira profissional de muitas mulheres. O interesse pelo tema surgiu pela necessidade de ampliar ainda mais os estudos sobre tal situação em que muitas mulheres passam em suas rotinas diárias, objetivando promover melhores manejos de acolhimento no tratamento dessa demanda nos tempos atuais. Para revisão bibliográfica foram utilizados livros voltados para o tema específico e revistas eletrônicas. Inicialmente partimos de um direcionamento teórico em relação desenvolvimento histórico da mulher na sociedade ao longo dos anos, logo adiante relatada sobre o complexo de cinderela em si, de que forma é instaurado na mulher e suas implicações emocionais nas atividades diárias e, posteriormente, ressalta-se uma discussão sobre a como o complexo de cinderela impacta nas atividades profissionais das mulheres. Tal trabalho acadêmico se torna relevante, inclusive por interessar a diversos profissionais da área e ao público feminino em especial, os quais passam a ter a oportunidade de adquirir informações sobre o assunto para uma melhor reflexão sobre intervenções mais eficazes não só no ambiente de trabalho, mas também no doméstico a fim de trazer mais qualidade de vida para as mulheres que passam por essa situação.

Palavras-chave: Complexo de Cinderela, mulher, trabalho feminino, empoderamento.

ABSTRACT

This study aims to discuss the understanding of what is the Cinderella Complex and how this phenomenon impacts the professional career of many women. Interest in the subject arose from the need to further expand studies on this situation in which many women go through their daily routines, aiming to promote better reception management in the treatment of this demand in current times. For the bibliographic review, books dedicated to the specific theme and electronic journals were used. Initially, we started from a theoretical direction regarding the historical development of women in society over the years, shortly thereafter reported on the Cinderella complex itself, how it is established in women, and its emotional implications in daily activities and, later, emphasizes it There

is a discussion about how the Cinderella complex impacts on women's professional activities. Such academic work becomes relevant because it is of interest to several professionals in the area and the female public in particular, who now have the opportunity to acquire information on the subject for a better reflection on more effective interventions not only in the work environment but also at home in order to bring more quality of life to women who go through this situation

Keywords: Cinderella complex, woman, women's work, empowerment.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX, é possível constatar uma crescente e significativa participação feminina no mercado de trabalho, impulsionada pelo acelerado crescimento da indústria e pelas oportunidades emergentes de inserção das mulheres. Contudo, desde a sua entrada nesse âmbito, deparamo-nos com uma teia de preconceitos que perduram até os dias atuais, corroborados por pesquisas que comprovam a oferta restrita de oportunidades às mulheres e a disparidade salarial persistente, mesmo quando desempenham as mesmas funções que os homens (SINA, 2015).

No ano de 1950, constatava-se que apenas 14% das mulheres exerciam atividades remuneradas, pois a maioria esmagadora estava restrita às labutas domésticas, com poucas exceções. Somente a partir dos anos 70, com a demanda por mão de obra qualificada nas indústrias e o surgimento de movimentos sociais que buscavam a igualdade de direitos, as mulheres passaram a conquistar gradualmente uma presença mais sólida no mercado de trabalho, rompendo com a tradição de funções exclusivamente masculinas (WHITAKER, 2001).

O presente artigo tem como objetivo compreender o fenômeno do complexo de Cinderela e seus impactos na carreira das mulheres. O termo, cunhado pela pesquisadora Colette Dowling, em 1981, descreve o conteúdo inconsciente presente nas mulheres que buscam por um príncipe encantado capaz de resgatá-las de situações adversas, provendo-lhes proteção e salvação.

Em contraposição ao ideal da mulher contemporânea, caracterizada por sua autonomia e independência, que superou o estereótipo tradicional de mãe e dona de casa para ingressar no mercado de trabalho, ainda se encontram resquícios dessa condição arquetípica da "Cinderela"

das histórias infantis. Essa luta interior, derivada de aspectos inconscientes, pode gerar sofrimento psíquico para as mulheres modernas (ZATZ, 2014). De fato, o complexo de Cinderela retrata uma mulher imersa em uma condição de vulnerabilidade, deixando de se colocar como autora e responsável pela sua vida e escolhas, transferindo suas expectativas para as pessoas ao seu redor, que deposita suas expectativas em encontrar um homem capaz de resgatá-la de todo o sofrimento, promovendo uma vida mais bela e perfeita (DOWLING, 2022).

Dessa forma, RODRIGUES (2022) fala que, enquanto sociedade contemporânea faz um movimento mascarado, enraizado nos pré-conceitos estabelecidos das gerações passadas e vinculados a cultura do patriarcado, de sempre esperar também por este homem que à salve, com isso a sociedade implica e reproduz frases onde introduz esse desejo de que se tivessem um parceiro tudo se resolveria e seria mais fácil, e esse “mais fácil” pode vir vedado por uma dependência. Tal situação é refletida frente as estatísticas da quantidade de mulheres que vivem em relações abusivas, por acharem que não conseguiriam viver sozinhas e a quantidade de violência doméstica sofrida pela mulher.

Dessa forma, montando por alguns instantes que a mulher espera se tornar dependente do homem, seja de forma financeira, emocional e com isso se torna mais fácil jogar toda a responsabilidade no outro, e assim aos poucos começa a perder gradualmente sua autonomia, independência e a sua possibilidade de crescimento seja pessoal ou profissional, perdendo várias coisas só pelo desejo de ser salva, e esse desejo já se caracteriza como sendo um dos sintomas apresentados pelas mulheres acometidas pelo complexo de cinderela (MENDES, 2000).

Assim, diante dessa cultura do patriarcado, é mostrado que as mulheres são ensinadas a sempre esperar que um “príncipe” apareça para resolver todos os problemas, e não o contrário, elas resolverem os próprios problemas e criar sua autonomia, pois tal cultura incentiva e propaga a ideia de que para a mulher a melhor forma de se portar frente a sociedade é nesse papel de frágil e submissa (DOWLING, 2022).

Mediante ao que foi exposto surge a seguinte pergunta problema: Que tipo de impactos a mulher com a constante dependência da figura masculina sofre no mercado de trabalho? Portanto, é de suma importância o estudo dessa temática, pois a mulher ter a sua autonomia e a sua autoconfiança, são essenciais para o seu crescimento como pessoa capaz e o seu desenvolvimento social e profissional, mostrando ainda como erradicar a propagação de tais pré-conceitos que favorecem o aparecimento do complexo de cinderela. Tendo em vista que tal assunto ainda é pouco falado pela doutrina.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa pauta-se na revisão bibliográfica para discutir a temática proposta. Segundo Gil (2022) a pesquisa elaborada com material já publicado denomina-se Pesquisa bibliográfica. Tradicionalmente para desenvolver essa modalidade de pesquisa utiliza-se material já publicado como: revistas, livros e também materiais disponíveis na Internet. De acordo com o autor, a pesquisa bibliográfica tem como benefício poder investigar uma grande quantidade mais ampla do que se poderia pesquisar diretamente. Nos estudos históricos ela se torna essencial, pois em muitas situações não se tem como voltar ao passado para colher informações. E também tem seus malefícios, em consequência de que podem colher dados de fontes secundárias que podem estar equivocados.

Dessa forma, para a realização desse trabalho foram utilizados diversos recursos como Google Acadêmico, Scielo Brasil, Pepsic e livros. Foram utilizadas essas bases de dados eletrônicas por serem consideradas como relevantes. Os descritores utilizados foram: *Complexo de Cinderela, mulher, trabalho feminino, carreira feminina*.

Foi utilizado critérios de inclusão e exclusão para o levantamento do banco de dados para compor a presente pesquisa. Os de inclusão são os estudos que descrevem completamente como se caracteriza o complexo de cinderela, os que relatam as consequências desse complexo na vida das mulheres e aqueles que respondem à pergunta norteadora do referido trabalho, sendo pesquisados nos seguintes idiomas: português e inglês; os de exclusão são artigos incompletos ou de fontes duvidosas, que foram publicados fora dos requisitos já apontados. Tendo sido utilizado, uma média de 18 estudos para compor a base de dados do presente trabalho.

3 MARCOS HISTÓRICOS DA MULHER NA SOCIEDADE

Durante grande parte da história, a mulher foi confinada ao papel de procriação, cuidado dos filhos e execução de tarefas relacionadas à agricultura e criação de animais. Essa função perdurou por muito tempo, até que ocorreram modificações na etapa inicial do sistema capitalista, quando as manufaturas passaram a empregar mulheres devido ao seu custo de mão de obra mais ínfimo, caracterizando, dessa forma, a inserção da mulher no que se refere ao âmbito laboral (TEDESCHI, 2008).

Nesse ponto, na mitologia grega, há uma narrativa sobre a criação da mulher que envolve Prometeu e Zeus. Segundo a história, Prometeu entregou aos homens o domínio do fogo, o que enfureceu Zeus. Determinado a se vingar de Prometeu, Zeus criou a mulher, Pandora. Prometeu, desconfiado, rejeitou a mulher, acreditando que ela era apenas parte de sua punição. Pandora foi entregue juntamente com uma caixa contendo todos os males da humanidade, com a advertência de que jamais a abrisse. No entanto, movida pela curiosidade, Pandora abriu a caixa, libertando assim todos os males. Portanto, de acordo com a mitologia grega, a culpa pelos males existentes no mundo recai sobre a mulher. Desse modo, um mito negativo e desfavorável em relação à mulher foi criado, associando-a à curiosidade que desencadeou os piores sentimentos e sendo concebida como uma vingança (BULFINCH, 2018).

No final do século XVIII e início do século XIX, conforme apontado por Tedeschi (2008), persistia o pensamento das primeiras sociedades, em que a maternidade era considerada o ápice da realização feminina, sendo esse o papel esperado da mulher na sociedade. Os desejos individuais das mulheres careciam de significado, sendo seu dever social concentrar-se na maternidade e dedicar-se integralmente aos cuidados infantis e às responsabilidades domésticas. Essa concepção ainda se mantém presente no discurso e no pensamento da sociedade contemporânea (SETÚBAL, 2016).

Nesse contexto, ao final do século XIX e início do século XX, a mulher era percebida como uma figura submissa, cuja função social se restringia ao âmbito doméstico. No universo feminino, seus atributos e virtudes eram definidos e moldados pela docilidade, receptividade e submissão aos desejos e necessidades masculinos, perpetuando-se tal concepção até os dias atuais (GIDDENS, 1993).

No campo do estudo da sexualidade, Giddens (1993), esclarece que, ao longo de séculos, o constructo relacionado ao universo feminino foi permeado por um pensamento machista respaldado pelas pressuposições ideológicas da Igreja e do campo científico, que sustentavam a crença na inferioridade da mulher devido à sua condição física, restringindo-a unicamente à função de procriação. Às mulheres não era permitido o acesso à educação formal ou à alfabetização. Nas escolas, administradas pela Igreja, eram ensinadas apenas habilidades manuais e domésticas. Essa ignorância era imposta como forma de subjugar as mulheres, privando-as de conhecimentos que poderiam possibilitar a igualdade de direitos. Elas eram educadas para encontrar sua felicidade como meros objetos, pois apenas conheciam suas obrigações (FACHIN, 195).

No Egito Antigo, as mulheres tinham direitos legais, podiam possuir propriedades, receber educação formal e ocupar cargos importantes na sociedade, como rainhas e sacerdotisas. Embora ainda houvesse algumas restrições, em comparação com outras civilizações antigas, as mulheres egípcias desfrutavam de um status relativamente elevado. Neste sentido, Morley e Salariya (1999, p. 34), “As mulheres eram bem tratadas no Antigo Egito. Elas podiam receber uma remuneração e ter propriedades”.

Portanto, no final do século XIX e início do século XX, a mulher era vista como submissa, com sua função social limitada à esfera familiar e doméstica. No universo feminino, as suas particularidades e virtudes eram demarcadas e condicionadas pela docilidade, receptividade e passividade em relação aos desejos e necessidades dos homens, conceito que permanece arraigado mesmo na sociedade moderna (GIDDENS, 1993).

A lei egípcia reconhecia seus direitos e elas podiam ir aos tribunais reclamá-los, se sentissem que estavam sendo tratadas de forma injusta. Era esperado que os maridos permitissem as suas esposas irem aonde quisessem e fazer o que desejassem. As mulheres nas famílias mais pobres tinham de trabalhar em casa, nos campos, ou ajudando no ofício de seus maridos. A função de uma sacerdotisa era considerada uma honra e não um trabalho. Uma mulher poderia se tornar faraó, mas isso era extremamente raro (MORLEY, SALARIYA, 1999, p.34).

De acordo com Porfírio (2020), ao longo das eras, as mulheres foram privadas de direitos fundamentais, como o acesso aos espaços públicos, a oportunidade de trabalhar fora do lar e o direito à educação, sendo submetidas ao domínio e às vontades dos homens, em geral seus pais e maridos. Essa problemática pode ser compreendida como uma manifestação da desigualdade de gênero, fundamentada na visão de que a mulher é considerada sujeita e submissa ao homem, justificada unicamente pela noção de "sexo frágil", refletindo a perpetuação do machismo na sociedade.

Na contemporaneidade, a imagem da mulher se redefine como capaz de assumir responsabilidades em relação à sua própria vida, tendo a opção de ser mãe e profissional como fonte de realização pessoal, não mais como uma imposição social de um papel predefinido (CAMON, 2005). Na década de 1960, inaugura-se um novo ciclo de transformações sociais. Anteriormente, ser "mulher do lar" era considerado um privilégio socialmente aceito, porém, esse status passou a ser questionado. A imprensa passou a abordar crescentemente artigos que expressavam a insatisfação das mulheres com o rótulo imposto pela sociedade. Grupos que discutiam a ascensão da figura feminina rejeitavam a divisão não equitativa dos papéis sexuais. A representação da mulher submissa deixou de ser um ideal coletivo, passando a ser associada a um pesadelo para as novas mulheres. Nesse contexto, a rejeição a uma identidade construída

exclusivamente em torno das funções maternas e conjugais é característica da condição feminina na pós-modernidade (LIPOVETSKY, 2000).

Apesar do progresso alcançado em relação à sexualidade e ao controle da natalidade, esses avanços ainda não garantiram à mulher uma igualdade plena de direitos em relação aos homens. Elas continuam sujeitas a preceitos ditados por uma sociedade patriarcal. As mulheres são frequentemente julgadas quando divergem do modelo tradicional em relação ao sexo e à procriação. Desde tenra idade, as meninas são criadas para serem recatadas e passivas, enquanto os meninos desfrutam de total liberdade, principalmente quando se trata de iniciação sexual, que, em muitos casos, é até incentivada pelo núcleo familiar (STOTLAND, 2017; BARBOSA; ROCHA COUTINHO, 2012).

A instituição familiar contemporânea passou por inúmeras transformações, perceptíveis em diversas esferas, como a economia, a política e a cultura. No século XX, a fim de manter o arquétipo da família tradicional e conciliar as demandas familiares e profissionais, as mulheres foram incentivadas a se restringir ao ambiente doméstico. No entanto, determinantes sociais impulsionaram a entrada da mulher no mercado de trabalho, tornando-a também provedora do sustento familiar (SILVA et al., 2012).

A mulher contemporânea tem desempenhado múltiplos papéis que antes eram exclusivos dos homens. Atualmente, é possível encontrá-las em diversas esferas e setores da sociedade, inclusive no mundo do trabalho, representando um avanço significativo em relação às atividades que anteriormente eram restritas às mulheres (Lipovetsky, 2000). No entanto, elas continuam a ser as principais vítimas das desigualdades sociais fundamentadas na ideologia machista e patriarcal ainda vigente (SILVA; LIMA, 2012).

A sobrecarga de responsabilidades enfrentada pela mulher constitui um fator relevante de liberdade, mas também de riscos. Embora tenham conquistado autonomia e acesso a bens e serviços, as mulheres acumulam atividades remuneradas e não remuneradas, resultando em um estado de sobrecarga física e mental (DINIZ, 2004 apud SILVA; LIMA, 2012). A relação entre as mulheres e a esfera doméstica, que abrange os cuidados com as crianças e demais membros da família, foi construída historicamente, valorizando o papel da mulher na esfera privada (BIROL, 2010).

4 COMPLEXO DE CINDERELA

O conto da cinderela tem diferentes versões de sua origem. A versão mais difundida diz respeito à narrativa do escritor francês Charles Perrault, publicada em 1697, visto que fora embasada num conto italiano popular denominada de La gatta cenerentola ("A gata borralheira"). De acordo com Corso e Corso (2006), se pode perceber que das três perspectivas mais difundidas dos autores, a cinderela francesa é a que tem uma história mais descritiva e aprofundada de todas. A tão conhecida versão de Charles Perrault é chamada de Cinderela ou O Sapatinho de Vidro, cuja protagonista diz respeito a uma menina que obteve seu destino vinculado a sua madrasta e irmãs que a feriam muito. O nome Cinderela tendo como significado o termo cinzas, oriunda da palavra em inglês "borralho", onde esse nome está associado às cinzas do fogão e simboliza o fato de a personagem residir entre elas

Embora também exista a versão de Cinderela efetuada pelos irmãos Grimm, a versão de Charles Perrault publicado em 1697 tem expressivo destaque. Segundo Bettelheim (2007), nota-se que muitos contos passaram por várias reformulações, todavia, nesse processo de reconstrução acabaram se afastando das algumas ideias centrais do original, a exemplo de retirar os conteúdos agressivos para exibir para as crianças.

Silva (2016), nos reforça as características principais da personagem do conto Cinderela em que a mesma é uma jovem humilde, com vestimentas simples e que vive com suas irmãs e sua madrasta. Cinderela busca suportar com muita paciência as humilhações sofridas pelas exigências que sua madrasta e irmãs impõem em situações bastante precárias. Cinderela vive na fé de que dias melhores virão e que conhecerá alguém que a poderá lhe tirar de todo o sofrimento até então vivido.

Dowling (2002, apud SILVA, 2016), nos mostra que o complexo de cinderela tem seu início na infância e intensificando no decorrer da fase adulta a partir do momento em que se é ensinado para elas de que futuramente elas serão salvas como nos contos de fadas. Tal crença perdura por toda a adolescência e fase adulta onde acarreta altos níveis de incapacidade e inferioridade o que intensifica mais ainda a vontade de ser cuidada e resgatada. Tal definição desse complexo mostra características de dependência psicológica, medo da própria autonomia e intensos desejos de ser cuidado pelo outro, por essa figura masculinizada, o que mostra que tais sentimentos assim mencionados, fazem parte de uma doutrina passada para elas a não enfrentarem seus próprios anseios. Tais condutas são evidenciadas frente ao transtorno de personalidade dependente, como é mostrado pela doutrina.

Dowling (1995 apud BORGES, 2007), ainda mostra que o complexo de cinderela gira em torno do querer cuidados paternos, a necessidade de dependência do outro, de ser cuidada pelo outro, ao mesmo tempo que a mulher sente o desejo de possuir sua autonomia o que acaba

gerando um choque de ideias vistas como divergentes resultando em uma perda no espaço do mercado de trabalho pelas atitudes e temores constantes.

Kreps (1992, apud ALVES; ZANDONADI, 2017) reforça que tal complexo acaba por se tornar prejudicial a tal ponto de afetar o desenvolvimento psicológico e equilíbrio emocional, pelo simples fato de a mulher estar abrindo mão de suas verdadeiras potencialidades pela crença falsa de que algo externo irá modificar para melhor sua vida o que implica em desenvolver uma dependência emocional pelo desejo constante de ser cuidado pelo outro.

Mediante tais perspectivas é visto que há inúmeros obstáculos para que a mulher possa atingir seu ápice de suas potencialidades. Há fatores internos, onde entra o próprio complexo de cinderela em questão adicionado com o medo de ser julgada pelo outro como incompetentes e ineficazes, assim como fatores externos como discriminação e ausência de recursos onde podemos citar a carência de vagas de emprego para o público feminino, sem contar em determinadas educações dadas no âmbito familiar e social objetivando a tomarem atitudes de passividade (KERR, 1985, apud BORGES, 2007).

Dowling (2002 apud SILVA, 2016), nessa perspectiva nos mostra que o medo, os sentimentos de se sentir insegura, incapaz e inferior bloqueiam sua autoestima para seguirem de forma plena suas vidas, seja em suas atividades profissionais, nos estudos ou qualquer outro tipo de atividade. A própria atitude passiva e a dependência somadas com a baixa autoestima por si só já são sinais que podem estar diferindo os homens das mulheres pelo simples fato de que os homens foram moldados para a autossuficiência de tal forma a se pensar que receberam um presente divino sendo que o correto a ser analisado é que a autossuficiência é fruto de constantes treinamentos árduos e muita aprendizagem.

Giddens (1993 apud BORGES, 2007), ressalta que pelo fato em que em uma extremidade há o sujeito da relação que quer assumir o papel de controlador, na outra extremidade existe está aquele encarregado de assumir o papel de controlador, que no caso se encontra a mulher vítima pelo complexo de cinderela. Tal interação é denominada como um conceito de personalidade co-dependente visto que traz sofrimento para ambos os casos. Vale lembrar que a mulher co-dependente poderá se apaixonar somente para satisfazer os desejos sexuais de seu parceiro pelo simples motivo de passar boa parte do seu tempo se preocupando com a necessidade do outro.

Atualmente, as ditas "cinderelas modernas" se caracterizam por terem autonomia, com capacidade de assumir diversos cargos e chamar a responsabilidade para a ocupação que lhe proporem a fazer. Contudo, mediante serem vistas como heroínas por darem de conta de vários papéis, dentro ou fora de casa, as mulheres ainda encaram com o dilema de frágil e meiga, assim

como desprotegida como a própria cinderela em si, decorrente da cultura do patriarcado em que o homem tem que ocupar o papel de maior poder e destaque dentro da sociedade (SILVA, 2016).

Giddens (1992 apud ALVES; ZANDONADI, 2017) complementa analisando que nos tempos atuais, a mulher cinderela, que é vista como independente em sua busca pela auto satisfação pessoal, ainda pode estar sujeita ao outro para ser cuidada atribuindo a responsabilidade pelos acontecimentos ao mundo por afirmar que é de onde vem a força e o vigor o que faz com que a mesma viva em desequilíbrio com seus próprios princípios. Pois, a sociedade a faz se questionar se suas atitudes são corretas e se a mesma está no caminho certo, pois diante da sociedade, a qual carrega uma grande marca do machismo na cultura, a figura da mulher deveria estar sempre associada ao lar.

Santana (2010 apud PEREIRA, 2014) nos mostra que a mulher contemporânea que possui condições favoráveis de sustento próprio, pode muitas vezes se mascarar no casamento por deixarem se submeter ao parceiro e se desgastar de forma exacerbada para ter o amor, ajuda e proteção. É visto que muitas das mulheres estudadas diante das pesquisas, na verdade, não se sentem confortáveis mediante tal situação, o que elas realmente almejam é o conforto do lar, o carinho dos filhos retomando as lembranças que teve em sua luta para se desgarrar de todos esses desconfortos que a cerca. Pois, grande parte dessas mulheres foram criadas dentro da cultura em que o homem é o centro, e toda a sua vida gira em torno do mesmo.

Aquelas mulheres que conseguiram alcançar um bom patamar em sua vida com o sentimento de ser bem sucedida, internamente ainda se sentiram inseguras por mais que o comportamento demonstre o contrário. É visto que por mais que haja um esforço para mostrar para o outro que tudo está perfeitamente bem, lá dentro existe uma criança desesperada pela vontade de evitar a independência, decorrente de traumas vivenciados ao longo do seu crescimento, bem como dos ensinamentos e culturas que lhe foram passados. O trajeto para se alcançar a independência emocional é por si só conturbado para essas mulheres, porém uma vez alcançado há um sentimento de libertação que transcende o desejo de autonomia e empoderamento por entenderem que tal processo modificador em suas vidas vem de dentro e não pelo outro batendo de frente com seus próprios medos e possuindo a capacidade de encará-los e resolver um a um onde elas mesmas são o agente transformador de suas próprias vidas (DOWLING, 2002 apud SILVA, 2016).

5 COMPLEXO DE CINDERELA E O TRABALHO FEMININO

O Complexo de Cinderela pode acarretar consequências negativas no desenvolvimento psicológico e no equilíbrio emocional, pois leva as mulheres a abdicarem de suas próprias necessidades, acreditando que a transformação em suas vidas depende de algo externo e criando uma dependência psicológica junto com o desejo de serem cuidadas por alguém. Essa dinâmica contraditória se manifesta na luta das mulheres modernas por independência, ao mesmo tempo em que buscam encontrar alguém que as cuide. (KREPS, 1992).

Além disso, segundo Dowling (2012), há aquelas que passam a vida desejando uma transformação, seja no casamento, seja no trabalho, mas ao alcançarem essas conquistas, se deparam com a sensação de que ainda não estão verdadeiramente felizes, pois não encontraram o que achavam que mereciam, tendo sempre a sensação de que poderia ter mais, de que está faltando algo, que a sua felicidade ainda não está de forma efetiva. A Cinderela sonhadora sempre buscará mais e mais, alimentando a insatisfação. Outras mulheres Cinderelas assumem o papel de protetoras dos filhos, do marido e de outros familiares, buscando assim elevar sua autoestima. Enquanto cuidam dos outros, essas mulheres Cinderelas negligenciam a si mesmas, doando-se excessivamente e recebendo menos em troca. Como resultado, elas culpam o marido e outros indivíduos por não terem uma vida própria, mergulhando em um estado de carência e culpa (BREDEER, 2013).

Nessa ótica, fica claro que muitas mulheres ainda reproduzem no seu comportamento e dentro da sua vida a cultura do patriarcado, pois inconscientemente elas se anulam, se desmerecem, se desvalorizam, priorizando todos ao seu redor menos a si mesma. E em consequência disso muitas desenvolvem o transtorno de personalidade dependente. Pois, elas sempre buscaram ficar atrás de algo ou alguém, para que a mesma possa justificar o seu modo de agir (BREDEER, 2013).

Por conseguinte, a mulher Cinderela, mesmo na era contemporânea, onde prevalece a ideia da mulher moderna e independente em procura de se autorrealizar, tende a se colocar nas mãos de outras pessoas para ser cuidada, transferindo a responsabilidade pelo seu sucesso para o mundo exterior. Isso resulta em um desequilíbrio em relação aos seus próprios ideais (GIDDENS, 1993). O medo é um elemento presente em sua psique, levando à insegurança de que o príncipe nunca chegará. Assim, essas mulheres subestimam a si mesmas, autossabotam-se e menosprezam suas capacidades para resolver seus próprios problemas, perpetuando o que afirma a cultura do machismo, a qual fala que o homem é melhor que a mulher, que a mesma precisa dele em sua vida para lhe dar um “rumo” (DOWLING, 2022).

As "cinderelas modernas" representam uma versão atualizada da personagem do conto de fadas. Ao contrário da Cinderela retratada por Perrault, a mulher do século XXI é vista como

auto suficiente, autônoma e independente, com a capacidade de desempenhar várias funções e assumir posições de destaque no trabalho, além de buscar níveis mais elevados de conquistas pessoais. No entanto, mesmo com essas conquistas, elas continuam a ser consideradas heroínas por assumirem múltiplos papéis, tanto dentro como fora de casa, desempenhando-os com dedicação. Apesar dos anos de luta e progresso em busca de reconhecimento como indivíduos na sociedade, as mulheres contemporâneas ainda se deparam com o dilema entre ser a Cinderela com atributos de fragilidade, doce e desamparada, ou a mulher autônoma e bem determinada.

Para Mendes (2000, p. 129): “Perrault conseguiu nesse conto retratar, com os requintes da arte literária, o modelo de comportamento feminino esperado pela sociedade machista”. De acordo com a autora:

Se as fadas são o símbolo do poder feminino, as princesas e as camponesas que se tornam princesas são o símbolo da fragilidade, que deveria caracterizar as mulheres terrenas, seres humanos submissos às contingências do destino e à moral determinada pela sociedade. O poder divino das fadas e o poder masculino dos príncipes deveriam comandar a sua vida (PERRAULT, 1697, p.130).

Perrault demonstrou uma habilidade magnífica ao descrever minuciosamente as personagens femininas, estabelecendo com clareza o papel social da mulher ideal. O conto em questão, objeto do nosso estudo, ilustra de forma precisa o ideal coletivo, a fantasia e a idealização presentes na mente feminina de descobrir o parceiro amoroso perfeito para proporcionar sentido para sua vida. De acordo com Zatz (2014), a trajetória da personagem representa um arquétipo essencial que reflete um desejo inato na psique feminina contemporânea: ser visualizado como uma pessoa singular e especial, descobrir o que denominam de "príncipe encantado" e, em consequência disso, atinge o ápice da felicidade. alcançar a felicidade. O que nos remete ao que foi dito por Simone Beauvoir (2009, p.165): “Em sua maioria ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não ser”. Sobre essa mesma abordagem, Colette Dowling discorre que:

“Fomos criadas para depender de um homem e sentirmo-nos nuas e apavoradas sem ele. Fomos ensinadas a crer que, por sermos mulheres, não somos capazes de viver por nossa conta, que somos frágeis e delicadas demais, com absoluta necessidade de proteção. De forma que agora, na era da conscientização, quando nossos intelectos nos ditam a autonomia, o emocional não-resolvido derruba-nos” (...) (DOWLING, 2022, p.25).

Conforme investigação realizada por Reis (1998), cujo propósito residia na compreensão da função do gênero no aprimoramento vinculado ao talento feminino, foram empreendidas análises dos percursos de vida de mulheres notáveis em suas respectivas áreas de atuação. O intuito da pesquisa era desvelar os elementos facilitadores ou inibidores do potencial dessas mulheres, bem como identificar as características comuns compartilhadas por elas. Apesar das singularidades individuais, pôde-se constatar a presença de traços de personalidade similares, tais como conduta de determinação, ato criativo, capacidade motivacional, resignação, além de coragem para assumir riscos. Ademais, observou-se que as mulheres demonstram uma maior dedicação ao processo de trabalho em si, priorizando-o em detrimento do produto final. A apreciação e satisfação advindas do engajamento em suas tarefas constituem um elemento que contribui para o prazer experimentado na execução de suas responsabilidades, tanto no âmbito doméstico, abarcando as obrigações familiares, quanto no âmbito público.

Por meio dos estudos de Sternberg (1986, 2005) sobre a concepção de sabedoria, inteligência e ato criativo, o autor considera essas três características como fundamentais no que tange o aprimoramento e desenvolvimento do talento do sujeito. Deste modo, a sabedoria perpassa a aplicabilidade destes, sustentadas em valores morais, bem como pelo caráter harmônico dentre interesses de cunho intra e interpessoais. Já a inteligência é definida como a “habilidade em alcançar objetivos na vida, em determinado contexto sociocultural, utilizando recursos próprios, como superação de fraquezas e dificuldades, para se adaptar, modificar ou até selecionar ambientes, e aprender a partir das experiências de vida” (STERNBERG, 2005, p. 328)

Referente ao modelo de concretização do talento em mulheres, Reis (1987, 1995, 1998, 2005), elucida que o desenvolvimento do talento é abordado sob uma perspectiva de gênero, incorporando três fatores identificados como preponderantemente femininos. Esses fatores englobam a capacidade de equilibrar as esferas profissional, pessoal e familiar, a oportunidade de progredir em uma área de escolha própria e enriquecer essas habilidades através de vínculos que possuem grande significação. Vale ressaltar que esse modelo se destina a mulheres adultas e, embora transcorra a contribuição de perspectivas passadas frente a promoção do talento, concentra-se no presente, nos ambientes selecionados e vivenciados pelas mulheres talentosas, na presença ou ausência de barreiras externas e internas, bem como nos fatores que favorecem seu desenvolvimento. Nesse sentido, é essencial esclarecer e compreender os elementos que têm atuado como impulsionadores ou até mesmo inibidores pertinente ao desenvolvimento de caráter integral da mulher, não tão somente de seus atributos e aptidões, mas igualmente envolvendo seus processos ligados a afetividade e singularidade.

Com o aumento da escolaridade e a expansão dos mercados de trabalho demandando mão de obra assalariada, tanto de homens quanto de mulheres, estas têm adquirido independência econômica e espaço de atuação nos âmbitos público e privado. Embora a possibilidade de trabalho formal remunerado não seja a solução para todos os desafios enfrentados pelas mulheres contemporâneas, ela representa um primeiro passo em direção à sua libertação, bem como o reconhecimento da importância de sua contribuição financeira para o bem-estar social e sua própria realização pessoal (MURARO, 1966). Atualmente, as mulheres enfrentam o que antes era considerado impossível: o desafio de conciliar multitarefas, assumindo papéis de mães, esposas e, em alguns casos, viúvas, enquanto equilibram as responsabilidades domésticas, familiares e profissionais. Essa habilidade em gerir uma rede complexa de obrigações evidencia a resiliência e a capacidade das mulheres de lidar com múltiplos papéis em suas vidas.

Dessa forma, o trabalho passou a ser representado enquanto uma categoria central na vida da mulher. Considerando que o trabalho possui significados diferentes de acordo com o contexto vivido, e apesar das disparidades entre os afazeres tanto femininos como masculinos, se nota que a atividade laboral simbolizando atualmente uma das conquistas mais relevantes das mulheres; ou seja, “o entendimento do trabalho enquanto atividade emancipadora é um grande ganho para as mulheres” (COELHO apud FRANÇA; SCHIMANSKI, 2009, p. 77). Nesta perspectiva, a atividade laboral na modalidade formal e assalariado consiste numa forma de realização importante para muitas mulheres em todo o mundo, devido conceber um espaço que fora edificado através de inúmeras lutas sociais e políticas tanto coletiva como individualmente, portanto, isso as despertam um sentimento de valorização pessoal significativo.

Rocha-Coutinho (2004), explicita que muitas mulheres descrevem o campo profissional como um elemento relevante, em detrimento do trabalho doméstico. Em entrevista realizada com 25 estudantes universitárias, trabalhadoras e com família (marido e filhos), a autora constatou que a grande maioria delas vê a dedicação exclusiva ao trabalho doméstico como desvalorizado e limitador dos horizontes femininos. Em seu estudo, a autora relata ainda que elementos, como “realização, felicidade, crescimento pessoal e satisfação são vistos em estreita correlação com o trabalho fora de casa, e comparados com a pequenez e a limitação da “vidinha” de dona de casa” (ROCHA-COUTINHO, 2004, p.10).

Com isso, é notável que muitas das mulheres que recebem o título de dona de casa, são insatisfeitas com sua própria realidade, se sentem inferiores aquelas que dedicam sua vida ao campo profissional, pois para a sociedade aquela é vista como submissa, fraca, que precisa da

proteção e do sustento do marido. Enquanto a que dedica a sua vida a carreira profissional é vista como revolucionária. No entanto, a sociedade também critica a mulher trabalhadora, aquela que não almeja filho e família. As culpam pela desordem da geração atual, quando na verdade o dever dessa sociedade é avançar nos conceitos, é recriar a forma de estruturação da sociedade como um todo, para que a mulher possa ocupar o lugar que ela desejar.

Coelho, ao analisar profundamente as reivindicações e conquistas das mulheres no decurso da história, sobretudo, nas últimas décadas, descreve que estas influenciaram de forma expressiva a constituição de espaços que permitiram as mulheres uma ampliação da autonomia e a sua inserção no âmbito laboral, apesar disso, é importante ressaltar que esses avanços, “também contribuem para o estresse e as tensões que afetam de forma impactante os comportamentos e modos de vida femininos” (COELHO, 2002, p.13).

A família tem ocupado boa parcela das apreensões do universo das mulheres, especialmente, no que tange a promoção da qualidade de vida que elas esperam proporcionar aos filhos. (COELHO, 2002). No desejo de atender a essas aspirações e alcançar tais objetivos, as mulheres muitas vezes se veem obrigadas a adotar um ritmo excessivamente estressante em suas vidas, o que acaba tendo um impacto significativo em sua qualidade de vida. De acordo com Ávila e Portes (2012), para muitas mulheres, a conciliação do exercício de das múltiplas tarefas, tem se mostrado um desafio acentuado, pois. “Conciliar os três segmentos de trabalho é uma fonte de estresse, ansiedade e pressão constantes” (ÁVILA; PORTES, 2012, p. 815).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do que foi abordado encontramos consideráveis respostas em relação ao processo histórico de compreensão da mulher na sociedade de décadas atrás até os dias atuais uma vez que, antigamente, a mulher não obtinha dos mesmos direitos dos homens por serem rotuladas de “sexo frágil” e estarem vinculadas à praticas do lar sem muitas oportunidades para os estudos e ao mercado de trabalho. Com o passar dos séculos é que a mulher foi ganhando espaço nas diversas áreas por onde passava e conseguindo ganhar cada vez mais autonomia e independência até chegarmos à mulher dos tempos atuais.

É mostrado ao longo desse trabalho, que uma das principais consequências para a vida da mulher que tem o complexo de cinderela, é um grande dano no seu psicológico no quesito de sua autoconfiança, autonomia, na capacidade de acreditar em se mesma e se considerar capaz

de realizar tudo aquilo que deseja. Afeta o seu desenvolvimento profissional, pois a falta de confiança a faz não apostar em suas ideias e com isso acaba de certa forma ficando para trás nos destaques profissionais. Afeta também, a sua relação familiar pois, esta mulher acaba buscando uma figura masculina na qual possa colocar a sua dependência.

Vale ressaltar que na área de atuação as mulheres possuem diversos atributos: são criativas, possuem força de vontade para seguir em frente, são determinadas e não possuem medo de arriscar em seus projetos. Fazendo suas atividades com satisfação, as mulheres terão total sentimento de realização profissional o que acarreta em altos níveis de autonomia financeira e cada vez mais destaque nas empresas ou na área pública, ao passo que parte desse grupo são vistas como já mencionadas “cinderelas modernas” em que sentem ainda frágeis e desprotegidas sendo necessário fortalecer esse lado emocional em que se encontra altamente fragilizado.

Comparando com séculos atrás, as mulheres lidam com diversas atividades que, até então, eram impossíveis de serem realizadas conciliando com seus cuidados pessoais, família e área de atuação onde este último é um pilar importante para sua autoestima uma vez conquistado. Independentemente da forma de atuação da mulher, seja de forma autônoma ou assalariada, o trabalho em si já é uma saída para diversas adversidades pois simboliza uma luz no fim do túnel para aquelas que se sentem inseguras e desprotegidas.

Por fim, se faz necessário trazer novas discussões sobre o complexo de Cinderela para maior compreensão por parte da população e possibilitando os incentivos a novas pesquisas e investigações de campo para compreender o fenômeno do complexo de Cinderela e os seus desdobramentos para uma melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, S. B.; ZANDONADI, A. C. A mulher moderna e o complexo de cinderela. **Revista FAROL**, v. 3, n. 3, p. 126-141, 2017.

ÁVILA, R. C.; PORTES, E. A. **A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 809-832, setembro-dezembro/2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000300011>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

BARBOSA, Z. P.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 577-587, 2012.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIROLI, F. Gênero e Família em uma Sociedade Justa: adesão e crítica à imparcialidade no debate contemporâneo sobre justiça. **Revista Sociologia Política**, v. 18, n. 36, 2010.

BREDER, F. **Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney**. Ebook Kindle Amazon, 2013.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia, história de deuses e heróis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2018.

CAMON, V. A. A. **As várias faces da psicologia fenomenológico–existencial**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

CASSEPP-BORGES, V. Identificação dos adolescentes de hoje com a personagem de Cinderela. **Boletim de Psicologia**, v. 57, n. 127, p. 239-254, 2007.

COELHO, V. P. **Trabalho e maternidade no cotidiano de professoras do ensino superior**. UNISA – Universidade de Santo Amaro, 2002. Disponível em:
<<http://www.cibs.cbciss.org/arquivos/TRABALHO%20E%20MATERNIDADE%20NO%20COTIDIANO%20DE%20PROFESSORAS%20DO%20ENSINO%20SUPERIOR.pdf>>.
Acesso em: 28 de maio de 2023.

DA COSTA, F. A. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, p. 434-452, 2018.

DA SILVA, I. V. Complexo de cinderela: A imagem da mulher no conto de Perrault. **Revista Com Sertões**, v. 4, 2016.

DA SILVA, P. S. **Cinderela: a mulher contemporânea**. FAEMA, Ariquemes - RO, 2014.

DOWLING, C. **Complexo de Cinderela**. Ed. Melhoramentos, 2022.

FACHIN, L. E. O Averso da Mulher no Direito. **Caderno da Pós-Graduação - Faculdade de Direito - UERJ**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 87-96, setembro 1995.

FRANÇA, A. L.; SCHIMANSKI, E. Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. **Emancipação**, Ponta Grossa, UEPG, 2009. Disponível em:
<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/687>>. Acesso: em 28 de maio de 2023.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: EDUNESP, 1993.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

KREPS, B. **Paixões eternas, ilusões passageiras**: uma análise do mito do amor romântico. São Paulo: Saraiva, 1992.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher**: permanência e revolução de feminino. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MENDES, M. B. T. **Em busca dos contos perdidos**: o significado das funções femininas no conto de Perrault. São Paulo: UNESP, 2000.

MURARO, R. M. **A mulher na construção do mundo futuro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1966.

PORFÍRIO, F. **Desigualdade de gênero**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/desigualdade-de-genero.htm>>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

REIS, S. M. We can't change what we don't recognize: Understanding the special needs of gifted females. **Gifted Child Quarterly**, v. 31, p. 83-89, 1987.

REIS, S. M. Talent ignored, talent diverted: The cultural context underlying giftedness in females. **Gifted Child Quarterly**, v. 39, p. 162-170, 1995.

REIS, S. M. **Work left undone**: Choices and compromises of talented females. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press, 1998.

REIS, S. M. Feminist perspective on talent development: A research-based conception of giftedness in women. In: STERNBERG, R. J.; DAVIDSON, J. (Eds.). **Conceptions of giftedness**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 217-245.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia da SBP**, v. 12, n. 1, p. 2-17, 2004.

RODRIGUES, V. L. **A importância da mulher**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

SETÚBAL, A. A. Análise de Conteúdo: suas implicações nos estudos das comunicações. In: MARTINELLI, M. L. **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, 2016.

SILVA, D. M.; LIMA, A. O. Mulher, trabalho e família na cena contemporânea. **Contextos clínicos**, v. 5, n. 1, p. 41-51, 2012.

SILVA, M. R. S.; LUZ, G. S.; CEZAR-VAZ, M. R.; SILVA, P. A. Trabalho familiar: distribuição desejada do trabalho doméstico e cuidados dos filhos entre cônjuges. *Revista Gaúcha Enfermagem*, v. 33, p. 124-131, 2012.

SINA, A. *Mulher e trabalho: os desafios de conciliar diferentes papéis na sociedade*. São Paulo: Editora Saraiva, 2015.

STERNBERG, R. J. A triarchic theory of intellectual giftedness. In: STERNBERG, R. J.; DAVIDSON, J. (Eds.). **Conceptions of giftedness**. New York: Cambridge University Press, 1986. p. 223-246.

STERNBERG, R. J. The WICS model of giftedness. In: STERNBERG, R. J.; DAVIDSON, J. (Eds.). **Conceptions of giftedness**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 327-342.

STOTLAND, N. L. Reproductive Rights and Women's Mental Health. **Psychiatric Clinics of North America**, v. 40, n. 2, p. 335-350, 2017.

TEDESCHI, L. A. **História das mulheres e as representações do feminino**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.

WHITAKER, D. **Mulher e Homem: O Mito da Desigualdade**. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

ZATZ, D. M. D. **Cinderela: estereótipo feminino no contexto do casamento/amor romântico**. (En)Cena. Centro Universitário Luterano de Palmas - CEUL/ULBRA. Tocantins, janeiro de 2014. Disponível em: <<http://ulbra-to.br>>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.